

INFANTIL

# Índio, o grande personagem

## Autores fazem releitura evitando ecos românticos

Reproduções

**COISA DE ÍNDIO**

Daniel Munduruku  
Callis, 95 páginas  
R\$ 38

**MISTÉRIOS DE PINDORAMA**

Marion Villas Boas e Ricardo Vilas  
Ampersand/Cult Mix, 64 páginas  
R\$ 34 (livro e CD)  
Tel. 256-9542

**OS PRIMEIROS BRASILEIROS**

Aquino, Ivanir Calado, Marcello Gaú e Ota Barreiros  
Record, 67 páginas  
R\$ 12

ANA LÍGIA MATOS

As comemorações do Descobrimento invadiram as prateleiras, multiplicando o número de títulos sobre o tema, quase sempre representado por superficiais retratos da cultura indígena. Uns utilizam a festa como mera referência para contar uma história que poderia se acomodada a qualquer outro contexto, dando a impressão de que a produção foi feita às pressas para abocanhar uma fatia lucrativa, embora momentânea, do vasto mercado editorial. Outros a situam como uma colcha de retalhos, destacando pedaços desta cultura que possam interessar ao leitor que ainda tem na memória uma breve visita ao Museu do Índio ou o dia marcado para comemorá-lo. Mas, quase todos guardam a atual obsessão de ser politicamente corretos.

Não se quer aqui negar esta exigência, mas talvez ela esteja auxiliando, demasiadamente, os escritores na hora de escrever, pois, na maior parte desta produção literária, o texto ganha perfil de catálogo que enumera informações sobre a vida dos índios, sem o risco de trair a sua realidade. Alguns deles confirmam a veracidade dessas afirmações através de transcrições de trechos de pesquisa, dando força científica àquilo que poderia ser tomado como simples especulação. Aliás, especulação é o que não cabe no meio de tantas descrições fidedignas ao seu modo de vida, aos seus instrumentos de caça e de combate, às suas danças e rituais, ao seu universo mítico. Tudo isso numa monótona linguagem de "rádio-relógio", porém, talvez, com a garantia de que não se está dando o tradicional tratamento exótico que tanto persegue a história deste povo.

O índio, no sistema cultural e literário brasileiro, tornou-se alvo de produção, tema e figura inspiradora. Inscrito na História, em seu discurso foi sempre paciente. De figura que seguia uma convenção, no Romantismo, até chegar à cena como protagonista, próximo de nossos dias, percorreu discursos que sempre o observaram como estranho, como o Outro. Cabe, agora, face às comemorações, dar-lhe voz. E essa voz pode ser direta, ou veiculada a partir de autores que têm por objetivo desvendar a identidade cultural indígena. Este primeiro momento é ainda de apresentação, em que muitas vezes a



idéia de dar a conhecer o índio torna-se mais forte do que fazer literatura.

No entanto, é interessante saber se esta produção literária, dirigida ao público jovem, que se mostra tão informativa e tão comprometida com os fatos, isenta a cultura indígena do tão temido olhar exótico. Esta preocupação vem de longa data, rendendo aos escritores a árdua tarefa da recriação da imagem desta cultura ou da mera reprodução dela.

Em *Coisas de índio*, Daniel Munduruku oferece aos seus leitores a possibilidade de sa-

ber um pouco mais sobre os povos indígenas numa linguagem que não se pretende literária. Como ele mesmo diz, o seu desejo foi o de escrever uma "enciclopedinha" capaz de promover o encontro e o diálogo entre as diferentes culturas. Nesse sentido, o escritor índio revela segredos de sua riqueza cultural num texto bonito, claro e despretensioso, próprio daqueles que de fato conhecem as "coisas de índio".

Por sua vez, *Os primeiros brasileiros*, da série *Aventura no Tempo*, tenta registrar o aparecimento dos primeiros povos nesta terra, através de lendas e fragmentos de textos científicos, resultando numa longa e pouco atraente narrativa. Passo a passo, os autores apresentam informações que pretendem traçar um esboço da tradição cultural brasileira. Sua linguagem didática realça muito mais o seu compromisso com a informação propriamente dita do que com o fazer literário.

Já em *Mistérios de Pindorama*, de Marion Villas Boas, desde a capa, em kraft, passando pelos desenhos de Marcelo Pimentel, trabalha-se com a idéia de simplicidade e autenticidade. Fecha o texto um glossário e acompanha-o um CD, de Ricardo Vilas.

Dez são os textos que compõem a obra. O primeiro situa a realidade de nosso tempo, em que, cada vez mais, queimadas e motosserras surgem para dizimar os povos das matas que, acuidos, resolvem solicitar o auxílio de entidades míticas. O maravilhoso entra, assim, na narrativa, por solicitação. Pronto. Está dada a partida para outros textos, que irão apresentar a ação dos mitos indígenas em confronto com as ameaças deste final de século.

As narrativas seguem uma linha básica de construção, ao colocarem, lado a lado, o antigo e o atual, e ao apresentarem as figuras míticas – Saci, Cobra-Grande, Curupira, entre outras – através de um poema. A linguagem ágil prende a atenção e, em meio às aventuras das figuras míticas transformadas em personagens, flutuam modos e maneiras populares. As cantigas e a narração de Ricardo Vilas reforçam a criação de uma atmosfera em que a natureza

predomina, em nítida harmonia com as preocupações ecológicas da obra.

Nas três obras observadas, se não lidamos mais com a idealização do índio, tão cara ao gosto romântico, vivemos o processo inverso, em que parece ser necessário limpar a sua imagem de toda e qualquer fantasia. E mostrá-la apenas como informação, em que o valor estético se rende ao valor ideológico.